



NOTAS SOBRE USO TERAPÊUTICO DE PLANTAS PELA
POPULAÇÃO CABOCLA DE MARAPANIM, PARÁ (*)

Lourdes Gonçalves Furtado

Ruth Cortez de Souza

Maria Elizabeth van den Berg

Museu Goeldi

RESUMO: Na Amazônia é bastante comum o uso de **remédios caseiros** preparados a base de plantas regionais, para diversas finalidades, quer para efeitos preventivos quer curativos de doenças provocadas por fatores de ordem natural e não-natural. Em Marapanim, município situado na Micro-Região Homogêneas do Salgado, no Nordeste Paraense, a população recorre a várias modalidades de **remédios caseiros** para esses fins. Os autores apresentam uma classificação local deles, modo de usar, finalidades terapêuticas e os fatores decisivos no seu uso. O estudo baseia-se em observação participante e entrevistas realizadas em trabalho de campo no citado município.

INTRODUÇÃO

É nosso objetivo apresentar algumas contribuições no sentido de divulgar o uso que a população do Município de Marapanim, integrante da Micro-Região Homogêneas do Salgado, no Nordeste do Estado do Pará, faz de certas plantas por ela cultivada, com fins medicinais.

Os dados aqui apresentados resultam do trabalho de campo que vimos desenvolvendo naquele município para um

(*) — A versão original foi apresentada no II Congresso Latino-Americano de Botânica e XXIX Congresso Nacional de Botânica, realizados em Brasília - DF, no período de 21 a 27 de janeiro de 1978.

projeto de pesquisa, cujo principal enfoque é a organização econômico-social da atividade pesqueira praticada na orla litorânea do Município de Marapanim.

Na fase exploratória desse projeto de pesquisa, procedemos a um levantamento através de formulários, entrevistas e observação participante em alguns locais que pudessem espelhar as principais características do município em que fomos trabalhar. Assim, selecionamos as localidades de Vista Alegre do Pará, Marudá e o distrito-sede de Marapanim. Entre os aspectos observados o que suscitou um estudo mais detalhado, afora o tema central do projeto, ora em andamento, relaciona-se ao uso generalizado que os habitantes fazem de certas plantas com fins medicinais. No que concerne as providências tomadas pelos chefes dos grupos domésticos quanto aos problemas de saúde, destaca-se a recorrência aos chamados *remédios caseiros* preparados à base de plantas locais, que, via de regra, são cultivadas nos próprios quintais, e cuja eficácia, modos de preparo e aplicação são dados pelo conhecimento empírico.

Dessas observações resultou a idéia da elaboração de um trabalho posterior em parceria com Ruth Cortez de Souza, do Departamento de Antropologia do Museu Goeldi, que conosco vem participando nos trabalhos de campo do projeto de pesquisa que ora estamos empenhadas. A identificação botânica ficou ao encargo de Maria Elizabeth van den Berg, do Departamento de Botânica do Museu Goeldi. Estas notas são preliminares, portanto, ao trabalho que será desenvolvido enfocando como tema a classificação sócio-cultural de plantas pela população cabocla de Marapanim.

Convém deixar claro que nesta comunicação, limitar-nos-emos a tecer algumas considerações sobre o uso de plantas na preparação dos chamados *remédios caseiros*, para justificar a sua utilização mais intensiva no meio rural em relação ao meio urbano, invocando para isso, fatores de ordem sócio-cultural. Em seguida mostraremos como estes remédios são classificados e definidos pela população do Município de Marapanim, e, finalmente, quais as plantas que se incluem na

sua composição e seus respectivos modos de usar e finalidades. Os termos e expressões grifadas, correspondem a linguagem local.

AMBIENTE, CULTURA E HÁBITOS TRADICIONAIS

Seria um truísmo afirmar-se que na Amazônia as populações constantemente recorrem aos chamados *remédios caseiros*. Não precisamos nos deslocar apenas para as zonas rurais da região para que encontremos referências ou mesmo uso desses *remédios*. Para nós, que vivemos nas grandes cidades, consiste muitas vezes uma alternativa, esta de ordem secundária, recorrer a chás, banhos, unguentos, "garrafadas", para curar ou evitar certos males que nos afligem. Para as populações que habitam as áreas rurais, essa alternativa, de modo geral, se apresenta como primária em relação a que diz respeito a procura de drogas industrializadas e comercializadas nas farmácias. Essas posições de recorrência aos *remédios caseiros*, acreditamos estar em parte relacionada aos fatores de modernização, que com maior rapidez penetram nos centros urbanos mais desenvolvidos, nos quais os meios de comunicação são mais eficazes na divulgação de medicamentos industrializados, os meios de profilaxia de doenças são mais difundidos, e por outro lado, os hábitos tradicionais estão a sofrer maior diluição, cedendo lugar aos de caráter moderno.

A explicação que se busca para justificar o uso quase intensivo dos *remédios caseiros* nas zonas rurais da Amazônia e sua persistência nos seus centros metropolitanos assentam-se numa combinação de fatores que, sem ela, sua compreensão ficaria incompleta. Dentre esses fatores que até o momento nos vem ao pensamento, a partir de nossas observações de campo, estão os de ordem cultural, econômica, social, geográfica e histórica.

De acordo com a formação cultural da Amazônia vamos encontrar as contribuições lusa, aborígene e africana, esta em menor escala em relação às duas primeiras.

O colonizador português, no seu processo de adaptação para sobreviver ao novo ambiente que se lhe apresentava, e desfrutar dos recursos que esse *locus* lhe poderia oferecer para satisfazer seus interesses econômicos e políticos, foram aculturando hábitos pertinentes à cultura aborígine dessa nova terra. Estes hábitos foram-se sedimentando à medida que o processo de amalgamação se desenvolvia entre elementos brancos e indígenas. Dessa mestiçagem, que consiste numa pilastra mestra da formação cultural e social da Amazônia, resulta uma série de traços culturais hoje presentes na sociedade amazônica, e que são mais nitidamente observáveis nos seus segmentos rurais, no que diz respeito ao sistema de crenças, hábitos alimentares, hábitos terapêuticos, etc. Galvão (1976: 6-7) comenta que a nova cultura que emergiu na Amazônia foi predominantemente orientada por idéias e instituições lusas, modificando-se naquilo que exigiam as circunstâncias históricas e as peculiaridades do ambiente geográfico. O contato entre as duas culturas não resultou numa adoção e assimilação gradual pelo índio de elementos culturais europeus, porque certas sociedades tribais desapareceram rapidamente em decorrência dos *descimentos* de índios para os aldeamentos. Assim a população indígena ia sendo absorvida pelos centros coloniais. Sua cultura (a aborígine) influenciava a nova cultura mameluca que tomava forma, mas orientada pelos padrões europeus do grupo dominante. Por isso não é surpreendente encontrarmos hoje no nosso contexto cultural, principalmente nos segmentos da sociedade rural contemporânea, traços evocativos da formação cultural da Amazônia nos aspectos já citados acima. A população cabocla que habita o Município de Marapanim não poderia deixar de manifestar o legado cultural de nossos antepassados.

Ao se tomar contato com a vida do caboclo paraense e particularmente do habitante de Marapanim, vislumbra-se a herança dos dois componentes étnicos — o ibérico e o indígena — de nossa formação cultural. Seus hábitos alimentares, seu sistema de crenças, sua intimidade com o ambiente

natural que o torna capaz de predizer a ocorrência de chuvas, ventos, o tempo certo para a queimada de um roçado, reconhecer a utilidade e finalidades de determinada planta, são traços que manifestam a contribuição dos elementos originais de nossa cultura.

Conquanto o complexo de plantas medicinais seja discutível, sobretudo pela ausência relativa de tratamentos por ervas entre os indígenas, é em geral atribuído à herança cultural indígena, conforme nos indica Galvão em uma de suas notas (1976: 87). Por outro lado, sabemos que em muitas aldeias portuguesas os habitantes recorrem a certas variedades de plantas para uso terapêutico, como banhos, chás e outros remédios. Parece-nos lógico então relacionar-se os métodos atuais de tratamento de saúde a nível curativo e preventivo do caboclo amazônico às contribuições dos elementos formadores da sociedade e cultura da Amazônia.

Além do fator cultural há a considerar-se a grande variedade de plantas conhecidas nessa região que está à disposição do indivíduo, cujo conhecimento e experiência lhe foram transmitidas através das gerações.

Nas zonas rurais da Amazônia observa-se a tendência para acentuar-se o uso de plantas no tratamento de doenças. A medida que estas áreas desfrutam um contato mais íntimo com os centros mais evoluídos a intensidade dessa prática vai se diluindo, e o controle de tais doenças passa a ser feito, via de regra, por métodos científicos modernos. Eis porque no início deste artigo colocamos que o tratamento de certas doenças por métodos tradicionais, no meio urbano consiste numa alternativa secundária, enquanto que nas áreas rurais eles se colocam num plano primário. Nossa experiência no Município de Marapanim nos tem demonstrado o que afirmamos. Ao observar-se as localidades que dispõem de Postos de Saúde, ambulatórios, postos de profilaxia de malária, médicos residentes, o uso de medicamentos industrializados vai substituindo os *remédios caseiros*; o conceito primário relativo a origem das doenças vai cedendo lugar ao de natureza científica, não obstante certas resistências por parte da po-

pulação, de vez que entre os dois sistemas — o tradicional e o moderno, ou ainda, as tradições populares e a ciência — os conflitos são inevitáveis. Tais conflitos, lembra-nos Wagley (1975 : 343) que o elemento novo introduzido numa cultura não significa a substituição imediata do antigo, é necessário que as idéias e os métodos modernos sejam integrados na cultura receptiva e durante o processo modifiquem a cultura e as concepções da população. Torna-se conveniente deixar claro, neste momento, que quando usamos a expressão cultura receptiva estamos no momento pensando no universo da *cultura rústica*, tal como concebe Antonio Candido (1971 : 21-2), sendo entendida como um modo de ser, um estilo de vida próprio, com valores peculiares que fazem diferenciar seus membros dos habitantes das grandes cidades, ou seja da cultura urbana. Nesse sentido é possível pensar-se num processo de *aculturação* de valores, métodos modernos oriundos da cultura urbana.

Ao conceber-se dois universos em contato através dos novos elementos que são apresentados, inevitavelmente deixará de haver resistências até que os novos métodos e conceitos baseados na ciência sejam integrados no universo cultural a que estão sendo propostos. Nesse sentido, como já mencionamos anteriormente, estes conflitos são menos intensos naquelas localidades que estão mais estreitamente ligadas aos centros urbanos do que naquelas mais afastadas. Nestas, também, segundo os depoimentos que dispomos, surge um outro fator que vem justificar a freqüência do uso dos remédios preparados à base de ervas, é o de ordem econômica. Com raras exceções, as pessoas nos têm afirmado que na impossibilidade financeira, muitas vezes, de se deslocar em transporte para as cidades e pagar consultas médicas e adquirir na farmácia os medicamentos prescritos, preferem recorrer a um chá, a um *lambedor* ou a um *restilo*, no qual têm fé dado as experiências que a própria família tem.

Finalmente, teremos que lembrar aqui um outro elemento que permeia a utilização de remédios caseiros no tratamento das moléstias, qual seja o de ordem ideológica. Em geral

as populações de nossa zona rural acreditam que muitas vezes as enfermidades, os acidentes, certos estados mórbidos e a morte não se devem apenas a causas naturais e sim provocados por causas não-naturais, tais como um mal causado pelo indivíduo ou por algum parente seu a uma terceira pessoa; maus augúrios ou práticas mágicas de uma terceira pessoa dirigida ao paciente; assombrações de bicho ou ainda, ação maléfica de espíritos que povoam a mente do indivíduo. É necessário recorrer então a certos ritos que aplaquem o mal que atingiu o paciente, os quais envolvem a manipulação de ervas conhecidas para esse fim. Assim, observa-se frequentemente nas práticas xamanísticas a presença de representantes da flora amazônica como ingredientes das defumações, beberagens receitadas pelos especialistas (pajés e benzedores). Tais práticas no fundo destinam-se a reconduzir o indivíduo ao seu estado normal de vida, de modo a retornar as suas atividades diárias de trabalho das quais retira a subsistência para sua família.

Buscar explicações, portanto, para o uso de *remédios caseiros* pela população do Município de Marapanim, e pela maioria da população cabocla da Amazônia, é necessário invocar esse conjunto de fatores ligeiramente descritos, que permeiam sua prática. Tomá-los isoladamente não vemos sentido, senão pela combinação deles.

A seguir situaremos as áreas onde vimos trabalhando na qual surgiu a idéia desta comunicação e o interesse para alargar a pesquisa desse tema.

O Município de Marapanim está entre as coordenadas geográficas de 0°42'52" de latitude sul e 47°41'54" de longitude de W.Gr. Sua sede municipal está na cidade do mesmo nome, à margem esquerda do rio Marapanim, a 150 km aproximadamente de Belém, capital do Estado do Pará. Dela irradiou-se o povoamento de seu território. Sua origem remonta a fundação da Fazenda Bom Intento de propriedade dos Padres Jesuítas, nos fins do século XVII.

As Informações de Baena (1885: 8) sobre as Comarcas da Província do Pará, indicam as bases em que a economia do

município repousava, — agricultura e pesca — sendo a ênfase dada à atividade agrícola. Com o crescimento do município, através de concessões de terras por parte do Governo da Província do Pará ao Conselho Municipal em 1832; do incremento demográfico, e da ampliação do mercado para o peixe *in natura*, esta propiciada pela expansão do sistema rodoviário no Estado do Pará nos anos 50 atingindo Marapanim, a atividade pesqueira foi pouco a pouco tornando-se uma considerável fonte de recursos. Hoje no Município observa-se duas áreas relativamente distintas: uma agrícola e outra pesqueira (Furtado, 1978: 15).

Os dados que apresentamos a seguir foram colhidos em comunidades que representam ambas as áreas, entre elas: Arapijó, Cidade de Marapanim, Vista Alegre do Pará e Marudá.

Nesses locais as pessoas costumam atribuir às enfermidades, aos acidentes ou até mesmo à morte a causas de ordens natural e não natural. As causas naturais são em geral conhecidas pelo paciente, por exemplo uma forte dor de cabeça associam a uma gripe; uma diarreia pode ser apontada como decorrente de um alimento deteriorado ingerido. As de ordem não natural são aquelas que o indivíduo não encontra imediatamente o seu agente, como nas primeiras. Estas provocam certos estados mórbidos no paciente como *quebranto*, nas crianças, *panemice* ou *panemeira*, como descreve Galvão (1976: 81) que impossibilita o indivíduo de realizar suas aspirações, provoca-lhe *atraso* ou faz-lhe *andar p'rá trás*.

Para controlar os males provocados por esse par de causas, os habitantes costumam preparar os *remédios caseiros* e atribuir-lhes rótulos conforme a natureza do preparado. Assim encontramos na sua farmacopéia os *chás*, *banhos*, *lambedores*, *emplastos*, *senapismos*, *restilos*, *defumações*, *fricções gemadas*, *vomitórios*, que na linguagem local significam :

a) **chás** — preparados com água e uma porção de folhas, e/ou cascas, flores ou sementes de uma determinada planta ou de várias outras. Estes chás podem ser *crus* ou cozidos ao fogo. Os *crus* se subdividem em *crus-serenados*

e crus *não-serenados*. Os *serenados* ingerem-se de manhã, em jejum;

b) **banhos** — preparados compostos a base de uma mistura que via de regra incluem folhas que são submetidas a um processo de maceração manual assim como flores e mais lascas ou cascas de árvore definidas como medicinais. Utilizam-se para enfermidades alérgicas, aliviar processos gripais ou *constipações*, na terminologia local. Em geral estes *banhos* são freqüentemente usados para afugentar malefícios causados por uma terceira pessoa ao paciente, como nos casos de *panemice*, *mau-olhado*, *quebranto*, *amansamento de crianças*, e, até mesmo, para banhar instrumentos de pesca e caça atingidos pela força mágica contida na *panemice*. A população utiliza *banhos* crus e cozidos conforme requerem os casos. Podem ser grupados em banhos crus *serenados* e *não-serenados* e banhos cozidos ao fogo e ao sol. Segundo a concepção das pessoas que os utilizam, os banhos são cozidos para ativar as propriedades dos ingredientes ou neutralizar as mesmas. Os *banhos* são preparados com uma combinação de elementos da flora que, em geral, são cultivados nos quintais dos grupos domésticos. Raramente incluem na sua composição produtos já industrializados vendidos nas *boticas* (farmácias);

c) **lambedores** — são xaropes que além das plantas, incluem açúcar e algumas vezes um pouco de cachaça;

d) **emplastros** — pastas compostas de plantas maceadas ou resultantes da extração de seus sumos (*sucos*, na linguagem local). São aplicadas sobre a parte do corpo afetada por fraturas, luxações, baques, com um pedaço de pano e envolto por uma atadura do mesmo tecido;

e) **senapismos** — tipos de emplastros que especificamente são aplicados nas costas ou no peito para curar enfermidades pulmonares e *espinhelas caídas*;

f) **restilos** — são colírios destinados à limpeza de vista, dor d'olhos. Constituem-se de simples misturas de

água com algumas gotas de limão ou de remédios preparados de modo mais complexo, exigindo o processo de decantação do componente básico flores ou lascas de galhos de plantas. Para o preparo deste tipo de restilõ, toma-se um determinado elemento da flora, lava-se e sacode-se um pouco. A seguir coloca-se dentro de um recipiente transparente amarrado à sua boca de modo a ficar **pendente**. Tampa-se o referido recipiente e a seguir **coloca-se ao sol**. O líquido que se acumula no fundo **do frasco**, é colocado em gotas nos olhos, tal como fazemos **com os colírios** que adquirimos nas farmácias;

g) **defumações** — mistura de ervas secas colocadas sobre um braseiro em um recipiente qualquer, via de regra denominado *fogareiro*. A fumaça que se desprende dessa queima é denominada de *defumação* e acredita-se que ela contém *poderes* purificadores e para afastar malefícios. Utiliza-se para defumar a casa, utensílios de trabalho e até mesmo para defumar o próprio indivíduo;

h) **fricções** — soluções preparadas com sumo de plantas, ou com óleo de algum elemento vegetal, para friccionar a região do corpo afetada por reumatismos, dores musculares, baques, ou outra afecção dessa espécie;

i) **gemadas** — solução espumante preparada com gema de ovo de galinha ou de pata e um chá ou sumo de uma determinada planta, erva ou fava. Após ser batida a gema do ovo com açúcar até tornar-se uma espuma consistente, deita-se o chá quente sobre ela, para tomar-se;

j) **vomitórios** — geralmente preparados com sumo de alguma folha. Toma-se apenas o sumo ou pode-se misturar com outros ingredientes. Em geral esses vomitórios são destinados a expectoração.

Além destes, outros remédios foram encontrados cuja natureza não nos ficou ainda bem definida, para enquadrarem-se nesse esquema classificatório local.

A seguir relacionaremos estes *remédios caseiros* segundo seus ingredientes (I), modos de usar (MU) e finalidades

terapêuticas (FT). As expressões contidas nesta relação correspondem a linguagem e concepções locais.

1. CHÁS

- 1.1— I: Folha de pariri — *Arrabidaea chica* (H. & B.) Verlot (Bignoniaceae)
MU: cozido
FT: palidez, falta de sangue
- 1.2— I: Raiz de pega-pinto — *Boerhavia paniculata* Rich. (Nictaginaceae)
MU: cozido
FT: doenças do fígado
- 1.3— I: Folha de Mucuracaá — *Petiveria alliaceae* L. (Phytolacaceae)
MU: cozido
FT: dor de cabeça
- 1.4— I: Flor de mamão macho — *Carica papaya* L. (Cariaceae)
MU: cozido
FT: má digestão, doenças do fígado
- 1.5— I: Folha de coramina — *Pedilantus* sp. (Euphorbiaceae)
MU: cozido
FT: dores no coração
- 1.6— I: Folha de sabugueiro — *Sambucus nigra* L. (Sambucaceae)
MU: cozido
FT: sarampo
- 1.7— I: Folha de cipó pucá — *Cissus sicyoides* L. (Ampelidaceae)
MU: cozido
FT: congestão e tremores
- 1.8— I: Folha de sucuriçu — *Mikania lindleyana* DC. (Compositae)
MU: cozido
FT: fígado

- 1.9— I: Folha de anador — (Labiatae)
 MU: cozido
 FT: dores em geral
- 1.10— I: Flor de elixir paregórico — *Piper elongatum* Ruiz et Pav. (Compositae)
 MU: cozido
 FT: dores em geral
- 1.11— I: Folha de canarana — *Costus* sp. (Zingiberaceae)
 Folha de abacate — *Persea americana* Mill. (Lauraceae)
 Quebra-pedra — *Phyllanthus orbiculatus* Rich. (Euphrbiaceae)
 Cabelo de milho — *Zea mays* L. (Gramineae)
 MU: cozido
 FT: dor de urina
- 1.12— I: Pau de canarana — *Costus* sp. (Zingiberaceae)
 MU: cozido
 FT: prisão de urina
- 1.13— I: Folha de alfavaca — *Ocimum gratissimum* (Labiatae)
 MU: cozido
 FT: alergia
- 1.14— I: Raiz de gengibre-amarelo — *Zingiber officinalis* Rosc. (Zingiberaceae)
 MU: cozido
 FT: sarampo
- 1.15— I: Folha de losna — *Artemisia absinthium* L. (Compositae)
 MU: cozido
 FT: lavagem intestinal, dor de vento, curuba, coceiras, feridas.
- 1.16— I: Flor de vindicá — *Alpinia nutans* Rosc. (Zingiberaceae)
 MU: cozido
 FT: dor no coração, falta de ar, nervoso
- 1.17— I: Flor de vindicá — *Alpinia nutans* Rosc. (Zingiberaceae)

Flor de uriza — *Pogostemon heyneanus* Benth.
(Labiatae)

Folhas de graviola — *Annona muricata* L. (Annonaceae)

MU: cozido

FT: dor no coração, falta de ar, nervoso

1.18— I: Folhas de amor crescido — *Portulaca pilosa* L.
(Portulacaceae)

Casca de laranja seca — *Citrus sinensis* Osbeck. (Rutaceae)

Folha de abacate — *Persea americana* Mill.
(Lauraceae)

MU: cozido

FT: dores de fígado e intestino

1.19— I: Cebola braba — *Clusia grandiflora* Splitg.
(Guttiferae)

MU: cozido

FT: asma

1.20— I: Folha de mcuracaá — *Petiveria alliaceae* L.
(Phytolacaceae)

Folha de anador — (Labiatae)

Folha de elixir paregórico — *Piper elongatum*
Ruiz et Pav. (Piperaceae)

Folha de hortelãzinho de panela — *Mentha* sp.
(Labiatae)

Flor de caju — *Anacardium occidentale* (Anacardiaceae)

Alfazema — *Lavandula vera* L. (Labiatae)

Alho — *Allium sativum* L. (Liliaceae)

MU: cozido

FT: dores de diarréia

1.21— I: Corrente — *Achyranthes ficooides* Lam. (Amaranthaceae)

Folha de sabugueiro — *Sambucus nigra* L. (Sambucaceae)

Folha de losna — *Artemisia absinthium* L. (Compositae)

- Flor de mamão macho — *Carica papaya* L. (Caricaceae)
 MU: cozido
 FT: lavagem intestinal
- 1.22— I: Pé de chicória — *Cichorium intybus* L. (Compositae)
 Grãos de pimenta do reino — *Piper nigra* L. (Piperaceae)
 MU: cozido
 FT: aumentar as dores do parto
- 1.23— I: Folha de malva-rosa — *Pavonia malacophylla*
 MU: cru
 FT: dor no coração
- 1.24— I: Folha de língua de vaca — *Elephantopus scaber* L. (Compositae)
 Cominho — *Cuminum cyminum* L. (Umbeliferae)
 MU: cozido
 FT: pra abortar
- 1.25— I: Folha de quina — *Quassia amara* (Simarubaceae)
 MU: cozido
 FT: pra abortar
- 1.26— I: Folha de macela — *Egletes viscosa* Less. (Compositae)
 MU: cozido
 FT: dores de fígado
- 1.27— I: Folha de Sena — *Cassia*
 Boldo — *Peumus boldus* Molina (Monimiaceae)
 Folha de carmelitana — *Melissa calamintha* L. (Labiatae)
 Folha de amor crescido — *Portulaca pilosa* L. (Portulacaceae)
 MU: cozido
 FT: dores de fígado
- 1.28— I: Flor de cajueiro — *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae)
 MU: cozido
 FT: desarranjo de intestino

- 1.29— I: Folha de trevo roxo — *Justicia pectoralis* Jacq.
(Acanthaceae)
MU: cozido
FT: dor de urina
- 1.30— I: Rinchão — *Stachytarpheta caiennensis* (Rich.)
Vahl. (Verbenaceae)
MU: cozido
FT: dores intestinais
- 1.31— I: Folha de quina — *Quassia amara* L.f. (Simaru-
baceae)
MU: cozido
FT: febres, dor de cabeça
- 1.32— I: galhos de erva de jabuti — *Peperomia pellucida*
P. (Piperaceae)
MU: cozido
FT: hemorróida
- 1.33— I: Ananá verde — *Ananas comosus* L. (Bromelia-
ceae)
MU: cru
FT: pra abortar
- 1.34— I: Batata de anajá — *Eleutherine plicata* Herb.
(Iridaceae)
MU: cru e cozido
FT: hemorróida e diarréia
- 1.35— I: Erva do Marajó — *Lippia grandis* Schaw (Ver-
benaceae)
MU: cozido
FT: refrescar o sangue
- 1.36— I: Folha e raiz de malva branca — *Wissadula spi-
cata* H.B.K. (Malvaceae)
MU: cozido
FT: impaludismo
- 1.37— I: Raiz de tomate — *Licopersicum esculentum*
(Solanaceae)
MU: cozido
FT: dor de urina

- 1.38— I: Alfazema — *Lavandula vera* L. (Labiatae)
 MU: cozido
 FT: dor de barriga
- 1.39— I: Folha de lima — *Citrus aurantifolia* Swing.
 (Rutaceae)
 MU: cozido
 FT: coração
- 1.40— I: Raiz de vassourinha — *Scoparia dulcis* L.
 (Scrophulariaceae)
 MU: cozido
 FT: flores brancas
- 1.41— I: Casca de laranja — *Citrus sinensi* Osbeck (Ru-
 taceae)
 MU: cozido
 FT: dores no estômago
- 1.42— I: Folha de selidônia — *Boerhavia paniculata* Rich.
 MU: cozido
 FT: dores no fígado
- 1.43— I: Folha de pião branco — *Jatropha curcas* L. (Eu-
 phorbiaceae)
 MU: cozido
 FT: sangue agitado, alergia
- 1.44— I: Folha de capim-santo — *Andropogon schoenan-
 thus* L. (Gramineae)
 MU: cozido
 FT: dores no intestino
- 1.45— I: Raiz de marapuama — *Pticipetalum olacoides*
 Benth. (Olacaceae)
 MU: cozido
 FT: reumatismo
- 1.46— I: Flor de mamão macho — *Carica papaya* L. (Ca-
 ricaceae)
 Folha de amor crescido — *Portulaca pilosa* L.
 (Portulacaceae)
 MU: cozido
 FT: pra abortar

1.47— I: Casca de sucuba — *Plumeria sucuuba* Spruce
(Apocynaceae)

MU: cozido

FT: pra não ter filhos

1.48— I: Folha de arruda — *Ruta graveolens* L. (Ruta-
ceae)

MU: cru

FT: pra abortar

2. BANHOS

2.1— I: Folha de vindicá — *Alpinia nutans* Rosc. (Zyn-
giberaceae)

MU: cru

FT: amansar criança e dores de cabeça

2.2— I: Folha de mucuracaá — *Petiveria alliaceae* L.
(Phytolacaceae)

Folha de chama — (Compositae)

Folha de arruda — *Ruta graveolens* L. (Ruta-
ceae)

Folha de manjerona — *Origanum majoranum* L.
(Labiatae)

Catinga de mulata — *Leucas martinicensis* R.
Br. (Labiatae)

MU: cru

FT: constipação (gripe), dores no corpo

2.3— I: Folha de mucuracaá — *Petiveria alliaceae* L.
(Phytolacaceae)

Folha de canela — *Cinamomum zeylanicum* L.
(Lauraceae)

Alecrim — *Rosmarinus officinalis* L. (Labiatae)

MU: cozido ao sol

FT: panemeira (panemice, panema)

2.4— I: Folha de vindicá pajé — *Alpinia* sp. (Zyngibe-
raceae)

Alecrim — *Rosmarinus officinalis* L. (Labiatae)

MU: cozido

FT: evitar mau-olhado e inveja

- 2.5— I: Amansa ou Anu-chorão — *Aeghiphila* sp. (Verbenaceae)
 MU: cozido
 FT: amansar criança braba
- 2.6— I: Folha de mucuracaá — *Petiveria alliacea* L. (Phytolacaceae)
 MU: cozido ou cru
 FT: tirar mau-olhado
- 2.7— I: Folha de japana — *Eupatorium triplinerve* Vahl. (Compositae)
 MU: cozido ao sol
 FT: gripe
- 2.8— I: Folha de hervão — *Stachytharpheta caiennensis* (Rich) Vahl. (Verbenaceae)
 Folha de japana — *Eupatorium triplinerve* Vahl. (Compositae)
 Cravo de defunto — *Tajetes erecta* L. (Compositae)
 Folha de limão — *Citrus aurantifolia* var. *limonis* (Rutaceae)
 Alfavacão — *Ocimum* sp. (Labiatae)
 MU: cozido ao sol
 FT: dor no ouvido
- 2.9— I: Priprioca — *Killingia odorata*
 Patichuli — *Andropogon squarrosus* L.f. (Gramineae)
 MU: cozido ao sol
 FT: dores de cabeça
- 2.10— I: Pau d'angola — *Vitex agnus-costus* (Verbenaceae)
 Folha de chama — (Compositae)
 Folha de vindicá — *Alpinia nutans* Rosc. (Zingiberaceae)
 Folha de canela — *Cinamomum zeylanicum* L. (Lauraceae)
 Alecrim — *Rosmarinus officinalis* L. (Labiatae)
 MU: cozido
 FT: tirar maus fluidos

- 2.11— I: Folha de vergamorta — *Citrus nobilis* Lour. var. *deliciosa* (Rutaceae)
 MU: cozido ou cru
 FT: tirar maus fluídos, gripe
- 2.12— I: Folha de manjeriçãõ — *Origanum majorana* L. (Labiatae)
 Folha de carmelitana — *Melissa calamentha* L. (Labiatae)
 MU: cozido ao sol
 FT: constipação
- 2.13— I: Cravo de defunto — *Tajetes erecta* L. (Compositae)
 Folha de limãõ — *Citrus aurantifolia* var. *limonis* (Rutaceae)
 MU: cozido
 FT: constipação
- 2.14— I: Cipó d'alho — *Adenocalymna alliaceum* Miers. (Bignoniaceae)
 Folha de cabi — *Cabi paraensis* Ducke (Malpighiaceae)
 Folha de mucuracaá — *Petiveria alliaceae* L. (Phytolacaceae)
 Folha de piãõ roxo — *Jatropha gossypifolia* (Euphorbiaceae)
 Folha de canela — *Cinamomum zeylanicum* (Lauraceae)
 Folha de eucalipto — *Eucaliptus* sp. (Myrtaceae)
 MU: cozido
 FT: dores de cabeça, olho gordo (mau-olhado)
- 2.15— I: Cipó catinga — *Mikania amara* Will (Compositae)
 Cipó d'alho — *Adenocalymna alliaceum* Miers. (Bignoniaceae)
 Folha de mucuracaá — *Petiveria alliaceae* L. (Phytolacaceae)
 MU: cru
 FT: curar mau-olhado

- 2.16— I: Folha de rinchão — *Stachytarpheta caiensis* (Rich.) Vahl. (Verbenaceae)
MU: cozido
FT: inchação, baques
- 2.17— I: Folha de salsa da praia — *Ipomoea pes-caprae* Sweet. (Convolvulaceae)
MU: cozido
FT: coceiras
- 2.18— I: Folha de quando — *Cajanus indicus* Spreng. (Leguminosae — Papilionoidea)
MU: cozido
FT: constipação
- 2.19— I: Folha de mucunã — *Dioclea lasiocarpa* Benth (Leguminosae Papilionoidea)
MU: cozido
FT: panemeira (banho pessoal e nos utensílios de trabalho)
- 2.20— I: Folha de araticu — *Annona glabra* L. (Annonaceae)
MU: cozido
FT: dores de cabeça
- 2.21— I: Folha de camembeca — *Poligala spectabilis* DC. (Poligalaceae)
MU: cozido
FT: alergia
- 2.22— I: Folha e casca de aninga-apra — *Dienffenbachia picta* Schott (Araceae)
MU: cozido
FT: aborrecimento, mau-olhado

3. LAMBEDORES

- 3.1— I: Sumo da raiz e da folha de muçambê — *Cleome psorabaefolia* D; (Capparidaceae)
MU: cozido
FT: tosse, doenças pulmonares, tuberculose

- 3.2— I: Folha de curucaá — *Cordia multispicata* Cham. (Borraginaceae)
Folha de algodão — *Gossypium* sp. (Malvaceae)
Folha de mastruz — *Chenopodium ambrosioides* L. (Chenopodiaceae)
MU: cozido
FT: tosses
- 3.3— I: Fava de jucá — *Caesalpineia ferrea* var. *cearensis* Huber (Leguminosae)
MU: cozido
FT: tosse, gripe, intestino
- 3.4— I: Fava de jucá — *Caesalpineia ferrea* var. *cearensis*; Cravinho — *Syzygium aromaticum*
MU: cozido
FT: gripe, tosse, intestino
- 3.5— I: Folha de babosa — *Aloe vera* L. (Liliaceae)
MU: cozido
FT: tosse
- 3.6— I: Raiz de alfavaca — *Ocimum gratissimum* L. (Labiatae)
Folha de chicória — *Cichorium intybus* L. (Compositae)
MU: cozido
FT: tosse
- 3.7— I: Folha de paramarioba — *Cassia occidentalis* L. (Leguminosae)
Folha de goiaba — *Psidium guajava* (L) Raddi (Myrtaceae)
MU: cozido
FT: tosse
- 3.8— I: Folha de pirarucu — *Bryophyllum calycinum* Salisb (Crassulaceae)
MU: cozido
FT: tosse

- 3.9— I: Folha de ipecaconha — *Ruellia geminiflora* H. B. K. (Acanthaceae)
MU: cozido
FT: tosse
- 3.10— I: Folha de alfavacão — *Ocimum* sp. (Labiatae)
Noz moscada — *Myristica fragrans* (Myristicaceae)
MU: cozido
FT: constipação
- 3.11— I: Casca do marupazinho — *Eleutherine plicata* Herb (Iridaceae)
MU: cozido
FT: curar ferida da garganta
- 3.12— I: Casca do taperebazinho — *Spondias lutea*
Casca de jutaí — *Hymenaeae courbaril*
Casca de caju — *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae)
MU: cozido
FT: tosse

4. EMPLASTROS

- 4.1— I: Folha de babosa — *Aloe vera* L. (Liliaceae)
MU: cozido
FT: erisipela
- 4.2— I: Leite de sucuba — *Plumeria sucuba* (Apocynaceae)
Limão assado — *Citrus aurantifolia* var. *limonis* (Rutaceae)
MU: cru
FT: quebras, amígdala, baques
- 4.3— I: Folha de mucuracaá — *Petiveria alliacea* L. (Phytolacaceae)
Leite do pau de anani — *Symphonia globulifera*
Breu branco —
MU: cru
FT: tirar frialdade

- 4.4— I: Folha de mangueira — *Mangifera indica*
 MU: cozido
 FT: quebradura, baque, erisipela
- 4.5— I: Folha de babosa — *Aloe vera* L. (Liliaceae)
 MU: cozido
 FT: eczema
- 4.6— I: Tajá cauã — (Araceae)
 MU: cozido
 FT: tirar tumor
- 4.7— I: Folha do trevo cumaru — *Justicia pectoralis*
 Jacq. (Acanthaceae)
 MU: cozido ao sol
 FT: dor de cabeça
- 4.8— I: Leite de sucuba — *Plumeria sucuba* (Apocynaceae)
 MU: cru
 FT: quebradura, baque
- 4.9— I: Leite de jasmim — *Plumeria alba* L.
 MU: cru
 FT: quebradura, baque

5. SENAPISMO

- 5.1— I: Folha de babosa — *Aloe vera* L. (Liliaceae)
 MU: assado
 PT: chiado no peito

6. RESTILOS

- 6.1— I: Galhos de catanga de mulata — *Leucas martinicensis* R. Br. (Labiatae)
 MU: destilado
 FT: dor d'olhos
- 6.2— I: Rosa de todo-ano — *Rosa* sp. (Rosaceae)
 MU: destilado
 FT: dor d'olhos

- 6.3— I: Folha de mastruz — *Chenopodium ambrosioides*
MU: destilado
FT: limpar a vista

7. DEFUMAÇÃO

- 7.1— I: Casca de laranja — *Citrus sinensis* Osbeck.
(Rutaceae)
Espinhos de murumuru — *Astrocarium murumuru* Mart. (Palmae)
Folha de inajá — *Maximiliana regia* Mart. (Palmae)
Pimenta malagueta — *Capsicum frutescens* Willd. (Solanaceae)
Talo de mandioca mole — *Manihot utilissima* Pohl. (Euphorbiaceae)
Espinhos de croá — *Sicana odorifera* Naud. (Curcubitaceae)
Espinhos de tucumã — *Astrocarium tucuma* Mart. (Palmae)
MU: queimado
FT: tirar panemeira (panemice, panema)

8. FRICÇÕES

- 8.1— I: Folha de cabi — *Cabi paraensis* Ducke (Malpighiaceae)
MU: cru
FT: reumatismo
- 8.2— I: Batata do cipó pucá — (Ampelidaceae)
MU: cru
FT: congestão
- 8.3— I: Folha de arruda — *Ruta graveolens* L. (Rutaceae)
MU: cru
FT: dor de cabeça, mau-olhado

8.4— I: Sumo do mucuracaá — *Petiveria alliaceae* L.
(Phytolacaceae)

MU: cru

FT: curar dor de cabeça

8.5— I: Cravo de defunto — *Tajetes erecta* (Compositae)

MU: cru

FT: dor de cabeça

8.6— I: Casca de laranja da terra — *Citrus aurantium*
Osbeck (Rutaceae)

Pimenta malagueta — *Capsicum pendulum*
(Solanaceae)

Casca de piquiá — *Caryocar villosum* (Aubl.)
Pers. (Cariocaraceae)

Folhas de cajuçara — *Stigmaphyllon fulgens*
Juss. (Malpighiaceae)

Raiz de paxiúba — *Iriartea exorrhiza* Mart.
(Palmae)

MU: cru

FT: tirar panemeira (passar apenas nos braços e
pernas).

9. GEMADAS

9.1— I: Sumo de folha de algodão — *Gossypium* sp.
(Malvaceae), ovo de pata (gema)

MU: cru

FT: tosse

9.2— I: Folha de curucaá — *Cordia multispicata* Cham.
(Borraginaceae), gema de ovo de pata

MU: cru

FT: tosse

10. VOMITÓRIOS

10.1— I: Folha de pluma (Malvaceae)

MU: cru

FT: indigestão

1.12— I: Folha de vassourinha — *Scoparia dulcis* L.
(Scrofulariaceae)

MU: cru

FT: indigestão

11. SUMOS

11.1— I: Sumo de folha de hortelã grande (Labiatae)

MU: cru

FT: dor de ouvido, limpar a vista

11.2— I: Sumo da raiz de gengibre amarelo — *Zyngiber officinalis* (Zyngiberaceae)

MU: cru

FT: embrocação da garganta

11.3— I: Sumo da folha de mucuracá — *Petiveria alliaceae* L. (Phytolacaceae)

MU: cru

FT: dor de cabeça

11.4— I: Sumo da folha de losna — *Artemisia absinthium* L. (Compositae)

MU: cru

FT: curuba, coceiras, feridas

11.5— I: Sumo da folha de sabugueiro — *Sambucus nigra* L. (Sambucaceae)

MU: cru

FT: dor no ouvido

11.6— I: Sumo da folha de sucuriçu — *Mikania lindleyana* DC. (Compositae)

MU: cru

FT: sofrimento dos ovários

11.7— I: Sumo da folha de pluma — (Malvaceae)

MU: cru

FT: baque

12. CONTRA-VENENOS

12.1— I: Cebola — *Allium cepa* L. (Liliaceae)

MU: cru

FT: ferrada de miquim (peixe)

12.2— I: Resina de castanha de caju — *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae)

MU: cru

FT: ferrada de miquim, ferrada de arraia

12.3— I: Fruto do pião branco — *Jatropha curcas* L. (Euphorbiaceae)

MU: cru

FT: ferrada de miquim

13. UNGUENTOS

13.1— I: Folha de pirarucu — *Bryophyllum calycinum* Salisb. (Crassulaceae)

MU: cozido ao calor do fogo e/ou cru

FT: erisipela, frieira, inchação

13.2— I: Folha de manjerição — *Ocimum minimum* (Labiatae)

MU: cru

FT: dor de cabeça

13.3— I: Folha de pimenta malagueta — *Capsicum pendulum* (Solanaceae)

MU: cozido ao calor do fogo

FT: furar tumores

13.4— I: Goiaba verde — *Psidium guajava* (Mirtaceae)

MU: cru (ralada)

FT: tirar sapinho da boca de criança

13.5— I: Casca de caju — *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae)

MU: cozido

FT: limpar feridas

14. INALAÇÃO

14.1— I: Cabacinha — *Luffa operculata* (L.) Cogn. (Cucurbitaceae)

MU: cozido

FT: sinusite

15. INFUSÃO

15.1— I: Flor de elixir paregórico — *Piper elongatum*
(Piperaceae)

MU: cru

FT: curar dores

16. VERMÍFUGO

16.1— I: Coco — *Cocos nuciferus* L. (Palmae)

Folha de sena — *Cassia* sp.

MU: cru

FT: expelir vermes

16.2— I: Casca seca de andiroba jamba — *Carapa guianensis* Aubl. (Meliaceae)

MU: cozido

FT: expelir vermes

17. DEFESA

17.1— I: Tajá rio negro — *Alocasia* sp. (Araceae)

MU: cultivar em frente a casa

FT: defesa do lar contra inveja, inimigos, mau-olhado.

18. GARGAREJOS

18.1— I: Casca de marupazinho — (Iridaceae)

MU: cozido

FT: dores de garganta ou de goela

18.2— I: Raspa da árvore da goiaba — *Psidium guajava*

MU: cozido

FT: dores de garganta (goela)

19. PURGANTES

19.1— I: Óleo de carrapato — *Ricinus comunis* (Euphorbiaceae)

MU: cru

FT: limpeza do intestino

20. COLUTÓRIO

20.1— I: Folha de algodão — *Gossypium* sp.

Limão assado — *Citrus*

MU: cozido

FT: dores de garganta

21. RABUÇADOS

21.2— I: Gengibre comum — *Zingiber officinalis* (Zingiberaceae)

Cravinho — *Caryophyllus aromaticus* (Caryophyllaceae)

MU: cozido

FT: gripe, tosse

22. LAVAGENS

22.1— I: Laranja da terra — *Citrus vulgaris*

MU: cozido

FT: tirar panemeira, inclusive de cachorro que acompanha a caça.

22.2— I: Folha de camembeca — *Poligala spectabilis*

MU: cozido

FT: intestino

22.3— I: Casca de laranja da terra — *Citrus aurantium*

Pimenta malagueta — *Capsicum pendulum*

Casca de piquiá — *Caryocar villosum*

Folha de cajuçara — *Stigmaphyllon fulgens*

Raiz de paxiúba — *Iriartea exorrhiza*

MU: cru

FT: tirar panemeira dos utensílios de caça e pesca (aplica-se a lavagem nestes materiais).

22.4— I: Folha de eucalipto — *Eucalyptus* sp. (Myrtaceae)

MU: cozido

FT: intestino

AGRADECIMENTOS

À Maria Ivete Herculano do Nascimento, do Departamento de Antropologia do Museu Goeldi, que nos ajudou na coleta complementar dos dados e aos informantes de Marapanim, registramos nosso agradecimento pela colaboração prestada para a realização deste trabalho.

SUMMARY

The present paper presents several types of usage of regional Amazonian plants by the rural population (*caboclos*) of the Município of Marapanim, in the northeast of Pará State, Brazil. Such uses include the preparation of home remedies (*remédios caseiros*) which are used in the treatment or prevention of disease.

The local classification of these home remedies (teas, baths, syrups, skin cream, and emetics) is given as they compose the pharmacopedia of the Amazonian caboclo, together with the ingredients, modes of usage, therapeutic ends, and the factors which determine their uses.

The data are the results of a field investigation undertaken in the Município, including participant observation and interviews, and is a part of the researches of the Museu Paraense Emílio Goeldi in the field of Amazonian Anthropology. The botanical identifications were done by Maria Elizabeth van den Berg, of the Department of Botany of Museu Goeldi.

The original version of this paper was presented at the Second Latin-American Congress of Botany and the Twenty-ninth National Congress of Botany in Brasília, Brazil, in January, 1978.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BAENA, Manoel

- 1885 — **Informações sobre as Comarcas da Província do Pará, organizadas em virtude do aviso circular do Ministério da Justiça de 20 de setembro de 1883.** Pará, Francisco da Costa Jr., 85 p.

CANDIDO, Antonio

1971 — **Os parceiros do Rio Bonito**. 2 ed. São Paulo, Livraria Duas Cidade. 284 p.

FURTADO, Lourdes Gonçalves

1978 — Aspectos histórico e econômicos do Município de Marapanim, Nordeste Paraense. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova Série: Antropologia, Belém (67): 1-32. il.

GALVÃO, Eduardo

1976 — **Santos e visagens (um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas)**. 2 ed. São Paulo, Comp. Ed. Nacional. 153 p.

WAGLEY, Charles

1957 — **Uma comunidade amazônica (um estudo do homem nos trópicos)**. São Paulo, Comp. Ed. Nacional. 401 p. il. (Brasília, 290).

(Aceito para publicação em 01/07/78)

FURTADO, Lourdes Gonçalves; SOUZA, Ruth Cortez de & BERG, Maria Elizabeth van den. Notas sobre uso terapêutico de plantas pela população cabocla de Marapanim, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova série : Antropologia**, Belém (70) : 1-31, out. 1978.

RESUMO: Na Amozônia é bastante comum o uso de **remédios caseiros** preparados à base de plantas regionais, para diversas finalidades, quer para efeitos preventivos quer curativos de doenças provocadas por fatores de ordem natural e não-natural. Em Marapanim, município situado na Micro-Região Homogênea do Salgado, no Nordeste Paraense, a população recorre a várias modalidades de **remédios caseiros** para esses fins. Os autores apresentam uma classificação local deles, modos de usar, finalidades terapêuticas e os fatores decisivos no seu uso. O estudo baseia-se em observação participante e entrevistas realizadas em trabalho de campo no citado município.

CDU 615.89(81152)

CDD 615.882098115

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

SOUZA, RUTH CORTEZ DE

BERG, MARIA ELIZABETH VAN DEN

t